

LITURATERRA [*Resenha: 2017,1*]

“A Burguesia e a Contra-Revolução” de Karl Marx

DOI: 10.15175/1984-2503-20179109

Gisálio Cerqueira Filho¹

Gizlene Neder²

Marx, Karl (1848). “A Burguesia e a Contra-Revolução”, *Nova Gazeta Renana*, N^{os}. 169 e 170, em 15 e 16 de dezembro de 1848). Edição brasileira: São Paulo: Editora Ensaio, 1987, tradução de J. Chasin, M. Dolores Prades, Márcia Valéria Martinez de Aguiar, p. 41-51.

LITURATERRA [*Resenha: 2017,1*]

As resenhas, passagens literárias e passagens estéticas em *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica* são editadas na seção cujo título apropriado é LITURATERRA. Trata-se de um neologismo criado por Jacques Lacan,³ para dar conta dos múltiplos efeitos inscritos nos deslizamentos semânticos e jogos de palavras tomando como ponto de partida o equívoco de James Joyce quando desliza de *letter* (letra/carta) para *litter* (lixo), para não dizer das referências a *Lino*, *litura*, *liturarios* para falar de história política, do Papa que sucedeu ao primeiro (Pedro), da cultura da *terra*, de estética, direito, literatura, inclusive jurídicas – canônicas e não canônicas – ainda e quando tais expressões se pretendam distantes daquelas religiosas, dogmáticas, fundamentalistas, para significar apenas dominantes ou hegemônicas.

LITURATERRA [*Reseña: 2017,1*]

Las reseñas, incursiones literarias y pasajes estéticos en *Passagens: Revista Internacional de Historia Política y Cultura Jurídica* son publicadas en una sección apropiadamente titulada LITURATERRA. Se trata de un neologismo creado por Jacques Lacan para dar cuenta de los múltiples efectos introducidos en los giros semânticos y juegos de palabras que toman como punto de partida el equívoco de James Joyce cuando pasa de *letter* (letra/carta) a *litter* (basura), sin olvidar las referencias a *Lino*, *litura*, *liturarios* para hablar de historia política, del Papa que sucedió al primero (Pedro), de la cultura de la *terre* (tierra), de estética, de derecho, de literatura, hasta jurídica - canónica y no canónica. Se da prioridad a las contribuciones distantes de expresiones religiosas, dogmáticas o fundamentalistas, para no decir dominantes o hegemónicas.

¹ Professor Titular de Teoria Política da Universidade Federal Fluminense. Editor de *Passagens, Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. E-mail: gisalio@superig.com.br

² Professora Titular de História da Universidade Federal Fluminense. Editora de *Passagens, Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. E-mail: gizlene.neder@gmail.com

³ Lacan, Jacques. *Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 11-25. [Lacan, Jacques (2001). *Autres Écrits*, Paris: Éditions de Seuil].

Recebido em 27 de setembro de 2016 e aprovado para publicação em 21 de dezembro de 2017.

LITURATERRA [Review: 2017,1]

The reviews, literary passages and esthetic passages in *Passagens: International Journal of Political History and Legal Culture* are published in a section entitled LITURATERRA [Lituraterre]. This neologism was created by Jacques Lacan, to refer to the multiple effects present in semantic slips and word plays, taking James Joyce's slip in using *letter* for *litter* as a starting point, not to mention the references to *Lino*, *litura* and *liturarius* in referring to political history, to the Pope to have succeeded the first (Peter); the culture of the *terra* [earth], aesthetics, law, literature, as well as the legal references – both canonical and non-canonical – when such expressions are distanced from those which are religious, dogmatic or fundamentalist, merely meaning 'dominant' or 'hegemonic'.

LITURATERRA [Compte rendu: 2017, 1]

Les comptes rendus, les incursions littéraires et les considérations esthétiques *Passagens. Revue Internationale d'Histoire Politique et de Culture Juridique* sont publiés dans une section au titre on ne peut plus approprié, LITURATERRA. Il s'agit d'un néologisme proposé par Jacques Lacan pour rendre compte des multiples effets inscrits dans les glissements sémantiques et les jeux de mots, avec comme point de départ l'équivoque de James Joyce lorsqu'il passe de *letter* (lettre) à *litter* (détritus), sans oublier les références à *Lino*, *litura* et *liturarius* pour parler d'histoire politique, du Pape qui a succédé à Pierre, de la culture de la *terre*, d'esthétique, de droit, de littérature, y compris juridique – canonique et non canonique. Nous privilégierons les contributions distantes des expressions religieuses, dogmatiques ou fondamentalistes, pour ne pas dire dominantes ou hégémoniques.

文字国 [图书梗概:2017, 1]

Passagens 电子杂志在“文字国”专栏刊登一些图书梗概和文学随笔。PASSAGENS— 国际政治历史和法学文化电子杂志开通了“文字国”专栏。“文字国”是法国哲学家雅克·拉孔的发明·包涵了语义扩散·文字游戏·从爱尔兰作家詹姆斯·乔伊斯的笔误开始,乔伊斯把letter(字母/信函)写成了litter(垃圾),拉孔举例了其他文字游戏和笔误, lino, litura, liturarios, 谈到了政治历史·关于第二个教皇(第一个教皇是耶稣的大弟子彼得), 关于土地的文化 [Cultura一词多义·可翻译成文化·也可翻译成农作物], 拉孔联系到美学, 法学,文学, 包括司法学—古典法和非古典法, 然后从经典文本延伸到宗教, 教条, 原教旨主义, 意思是指那些占主导地位的或霸权地位的事物。

Marx, Karl (1848). “A Burguesia e a Contra-Revolução”, *Nova Gazeta Renana*, N^{os}. 169 e 170, em 15 e 16 de dezembro de 1848). Edição brasileira: São Paulo: Editora Ensaio, 1987, tradução de J. Chasin, M. Dolores Prades, Márcia Valéria Martinez de Aguiar, p. 41-51.

Os dois artigos de Karl Marx publicados na *Nova Gazeta Renana* nos dias 15 e 16 de dezembro de 1848⁴, entre vários outros do mesmo estilo e temática, merecem uma releitura cuidadosa; especialmente por aqueles que almejam desenvolver habilidades analíticas para a captura das singularidades de conjunturas políticas em tempos de crise e de muita mobilização social e política como a vivida neste início de século XXI.

Trabalhamos a tradução para o português publicada em 1987 pela Editora Ensaio, de São Paulo. Os tradutores usaram o texto original (“*Die Bourgeoisie und die Kontrerevolution*”, *Werke*, 6, Dietz Verlag, 1982); e foram compulsadas as traduções para o inglês (*Collected Works*, 8, *Progress Publishers*), a italiana (*Opere Complete*, VIII, E. Riuniti) e a francesa (*La Nouvelle Gazette Rhénane*, II, Éd. Sociales).

Como são artigos para jornal, Marx usa um estilo irônico. O tema abordado é a fracassada revolução burguesa de 1848. É bem verdade que há um consenso entre os intérpretes marxistas (e também entre não marxistas) sobre as excelências de outros textos de Marx onde o autor faz análises de conjuntura política detalhadas e alentadas (*A luta de Classes em França*, *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* e *A Guerra Civil em França*). Mas queremos destacar a força retórica e a capacidade de síntese colocada nos artigos da *Nova Gazeta Renana*.

Em foco, a acuidade do autor para destacar os aspectos contra-revolucionários do movimento político da burguesia prussiana no contexto dos movimentos sociais e políticos que varreram a Europa em 1848, conhecidos como “Primavera dos Povos”. Movimentos sociais e políticos de cunho liberal e, em alguns casos, libertários, de confrontação com os resquícios das monarquias absolutistas e práticas/sentimentos políticos neoabsolutistas implicados ainda em dominação territorial (no caso da Europa Centro-Oriental o caso mais emblemático é o autoritarismo dos impérios – o Império Prussiano e o Império Austro-Húngaro).

⁴ MARX, Karl. “A Burguesia e a Contra-Revolução”, *Nova Gazeta Renana*, N^{os}. 169 e 170, em 15 e 16 de dezembro de 1848. Edição brasileira: São Paulo: Editora Ensaio, 1987. p. 41-51.

Para a análise da conjuntura política na Prússia em 1848 Karl Marx desenvolve duas linhas de raciocínio: de um lado estabelece comparação entre a revolução burguesa (que se disse liberal) prussiana e demais conjunturas históricas onde a burguesia protagonizou transformações revolucionárias: na sublevação dos Países Baixos contra a Espanha (século XVI), na Revolução Inglesa (século XVII), e na Revolução Francesa (século XVIII). De outro lado, Marx identifica e descreve as classes sociais; destaca a correlação de forças sociais e políticas presentes na conjuntura prussiana em 1848.

A primeira linha interpretativa é a mais conhecida e aplicada nas análises marxistas e não marxistas (lembramos aqui o livro de Barrington Moore Jr⁵, para citar pelo menos um exemplo).

A segunda linha de interpretação – aquela que situa, descreve e pondera o movimento, as alianças e contradições de classe *vis-à-vis* as relações de força entre as classes sociais na conjuntura política – no instante dos acontecimentos – não ganhou tantos adeptos. Trata-se de uma análise sofisticada, onde generalizações cômodas acabam por não dar conta da própria conjuntura. Talvez isso explique o pouco uso que cientistas políticos (mesmo marxistas) fazem do método.

Este método, apropriado e atualizado para a conjuntura política vivenciada na formação social brasileira nos últimos dois anos, é eficiente para a compreensão dos vários tipos de burguesia (sua força política e seus interesses específicos). Embora a expressão burguesia possa ainda ser designada com referência conceitual, não podemos deixar de matizar seus vários segmentos, uma vez que ela não é homogênea.

No nº. 169 da *Nova Gazeta Renana* (NGR) de 15/12/1848, Karl Marx faz sugestões preciosas que podem aguçar a nossa atenção. O cenário é o da distinção entre a revolução burguesa na **Prússia** (março de 1848) e as revoluções ocorridas na **Inglaterra** (1648) e em **França** (1789)⁶. Em 1648, a burguesia estava aliada com a nobreza moderna contra a monarquia, a aristocracia feudal e a igreja dominante. Em 1789, estava aliada com o povo, contra a monarquia, a nobreza e a igreja dominante, diz Marx. Já a revolução berlinense fora provincial-prussiana, sequer aspirou a uma revolução nacional dita alemã e tratou-se de fato do renascimento em Berlim da sociedade morta em Paris. A descrição e

⁵ BARRINGTON MOORE JR. *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia*, Lisboa: Cosmos/Martins Fontes, 1977.

⁶ MARX, 1987, p. 42-43.

interpretação vão na direção de como a burguesia prussiana assumiu o seu protagonismo na contra-revolução.

Hoje em dia, necessitamos de imaginação sociológica para interpretar as mudanças que assistimos no plano das relações internacionais com a vitória de Donald Trump para a presidência dos EUA, com as consequências possíveis de uma monumental manobra à direita no plano da cultura, inclusive jurídica, e da história política. O Brasil e a América Latina não deixarão de ser afetados; mais ainda numa conjuntura de crise econômica.

Não queremos cair nas armadilhas de uma história que, sabemos, não se repete, mas também não podemos subscrever as conclusões apressadas sobre o fim da “guerra fria”, quando tantos são os sinais e indícios de “guerra quente” e confrontos entre potências nucleares, sobretudo na região que envolve a Síria e seus arredores.

O foco do artigo na *Nova Gazeta Renana* é o caráter fortemente regressista da burguesia prussiana, expondo a sua natureza social conservadora e autoritária à luz do dia. Embora levada ao poder, isto não ocorrera de jeito completamente pacífico numa conciliação com a Coroa, mas por uma revolução onde os interesses do povo se chocavam com os da Coroa. Por isso, Karl Marx observa com lupa, que a revolução burguesa-liberal na Prússia foi uma mudança em *miniatura*. A expressão é ótima porque dá um sentido de microfísica do poder ao que designa – com ironia - como “dilúvio de março”. Quando este passou, “*não restaram em Berlim prodígios, os colossos revolucionários, mas criaturas de velho estilo (...) pesadamente burguesas representantes conscientes da burguesia prussiana*”⁷.

Todavia, as regiões provinciais que contavam com uma burguesia mais desenvolvida (Reno e Silésia) – e que haviam fornecido os novos ministérios – assistiam a um cortejo de juristas renanos que lhe seguiam os passos. Conforme foi sendo relegada a segundo plano pela aristocracia feudal, as áreas do Reno e Silésia foram sendo substituídas pelas velhas províncias prussianas. O autor, com fina ironia, chega a comparar um banqueiro e homem de estado prussiano (*von der Heidt*) com os *tories (tory)*, como são chamados os conservadores na Inglaterra.

Aí está a razão para um curioso fato que podemos apresentar no que concerne à institucionalização da hegemonia prussiana, já sob república de Weimar. A referência ao primeiro artigo desta constituição, refratária aos códigos e leis do tempo napoleônico, que

⁷ MARX, 1987, p. 41.

dizia: *Artikel 1: “Das Deutsche Reich ist eine Republik. Die Staatsgewalt geht vom Volk aus”* (Artigo 1 - “O Império alemão é uma república. O poder da nação emana do povo”).

Evidentemente que a palavra império tem toda uma conotação de poder e força “autoritária” que, em princípio, deveria contrastar com os conteúdos “democráticos” implícitos na expressão república. Assim, observamos que os movimentos de raízes totalitárias, típicos da Alemanha guilhermina e da Prússia dos Hohenzollern anteriores a 1871, estavam longe de terem sido superados. O exemplo é vivificante para chamar a atenção para um conjunto de ambivalências presentes num processo continuado de unificação de regionalismos fortemente autoritários que se constituiu historicamente.

Karl Marx a isso se refere como “*o entusiasmo da burguesia alemã pela monarquia constitucional*”. Em fevereiro de 1848, após ser catapultada para o topo da direção do estado, o autor observa que as “*dores alemãs do puerpério foram bem vindas pela burguesia prussiana*”, mas também causaram mal-estar, pois “*seu domínio ficou ligado a condições que não queria, nem podia satisfazer*”⁸.

Não podemos fazer uma comparação com a fração da burguesia do setor de construção civil no Brasil em pleno século XXI? Que tendo sido alçada pelo regime militar ao topo das obras que lhe foram atribuídas e tenha recebido de mão beijada a formidável missão dar viabilidade ao “milagre brasileiro exportador”, comandado pelo setor industrial, encontrou-se na aliança com o PT/PMDB, em condições que não queria, nem podia satisfazer. Verdade seja dita, sejam cobrando e pagando escorchantes pedágios, sejam para ganhar licitações, sejam para eleger lideranças políticas, após longo período de afastamento das grandes obras no contexto da transição para o estado democrático de direito e numa conjuntura de crise econômica este setor da burguesia brasileira desnudou-se por inteiro.

Por tudo isso, julgamos oportuno recordar as reflexões de Karl Marx na *Nova Gazeta Renana* (NGR), Número 169, de 15/12/1848.

⁸ MARX, 1987, p. 41.